O RAP COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO CRÍTICA DE JOVENS NEGROS: UMA ANÁLISE DAS LETRAS DO RACIONAIS MC'S

Marla Santos Barreto
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-2213-7193
Endereço Eletrônico: marlasbarreto075@gmail.com

Dener Santos Silveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3485-6715
Endereço Eletrônico: silveira.dener@uesb.edu.br

Palavras-chave: Educação antirracista; Rap; Resistência cultural.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar de que maneira o rap, especialmente a produção musical do grupo Racionais MC's, pode ser compreendido como instrumento de formação crítica de jovens negros, considerando seu potencial pedagógico na problematização das relações étnico-raciais e sua capacidade de estabelecer diálogo com experiências sociais atravessadas pelas desigualdades socioeconômicas e de raça. Assim, reforça-se a importância de reconhecer essa expressão artística como uma linguagem social que transforma experiências historicamente silenciadas em reflexão política, convertendo a palavra em possibilidade de consciência, pertencimento e elaboração crítica da realidade.

Partindo desse pressuposto, a pesquisa procura inicialmente compreender o contexto histórico da formação social brasileira, uma vez que o rap não pode ser dissociado das estruturas que produziram a marginalização da população negra ao longo da história. O racismo estrutural, herdado do período escravista e reformulado nas relações sociais contemporâneas, contribuiu para a exclusão de sujeitos negros não apenas no campo econômico, mas também no campo simbólico e cultural.

Além disso, o rap surgiu como continuidade de uma tradição mais ampla de resistência negra no Brasil. Outras manifestações culturais negras, como o samba, a oralidade

e as práticas religiosas de matriz africana, já operavam como formas de preservação da memória coletiva e de enfrentamento simbólico ao racismo antes mesmo do surgimento do rap. É importante destacar que determinadas produções culturais podem assumir um papel pedagógico para além dos espaços formais de ensino.

O objetivo, nesse ponto, é demonstrar que o rap não aparece como um fenômeno isolado, mas como desdobramento de um processo histórico no qual a cultura negra sempre constituiu um espaço de elaboração política da experiência social. Ao transformar vivências periféricas em discurso, o rap reorganiza a experiência cotidiana em linguagem crítica, permitindo que sujeitos historicamente marginalizados se reconheçam como intérpretes de sua própria realidade.

Um exemplo disso pode ser observado na prática pedagógica mencionada por Djamila Ribeiro, ao utilizar a música *Homem na Estrada*, do grupo Racionais MC's, como ponto de partida para o diálogo com jovens moradores da periferia. A utilização dessa narrativa evidencia que as letras do grupo ultrapassam o campo estético, tornando-se também um recurso capaz de provocar identificação, reflexão e debate sobre experiências marcadas pela violência, pelo racismo e pela exclusão social.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, partiu-se inicialmente da análise do racismo na formação social brasileira, compreendido como uma estrutura historicamente vinculada à herança escravista, a fim de entender de que maneira determinadas expressões culturais produzidas pela população negra foram, ao longo do tempo, inferiorizadas e marginalizadas.

Para a construção do referencial teórico que sustenta essa análise, foram utilizadas inicialmente as obras de Clóvis Moura, especialmente *História do Negro Brasileiro* e *Quilombos: Resistência ao Escravismo*, por oferecerem uma interpretação crítica da formação do Brasil a partir da centralidade da população negra. Moura permite compreender que o racismo não desaparece com o fim formal da escravidão, mas se reorganiza dentro da modernidade brasileira, assumindo novas formas de exclusão social. Além disso, suas reflexões contribuem para romper com a ideia de passividade da população negra ao evidenciar que, desde o período escravista, diferentes formas de resistência foram construídas como estratégias de sobrevivência física, cultural e política.

Também foi utilizada a obra *O Brasil na mira do pan-africanismo*, de Abdias Nascimento, por sua contribuição para a compreensão do processo de apagamento da cultura

africana na formação nacional. A partir das reflexões de Nascimento, tornou-se possível compreender como o embranquecimento cultural operou como mecanismo de deslegitimação das produções negras no Brasil, contribuindo para a construção de estereótipos que ainda hoje incidem sobre diferentes manifestações culturais.

Após a definição do referencial teórico inicial, realizou-se um levantamento bibliográfico em bases de dados acadêmicas, com destaque para a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, utilizando palavras-chave como “hip-hop”, “rap e educação” e “rap e juventude negra”. A seleção do material considerou trabalhos que estabeleciam relação entre música, formação crítica, educação e relações raciais, privilegiando produções que discutem o rap como forma de elaboração política da experiência juvenil negra. Esse levantamento permitiu situar a pesquisa dentro de um campo já existente de estudos, ao mesmo tempo em que possibilitou identificar lacunas relacionadas à análise do rap como instrumento de formação crítica.

A pesquisa também se aproxima do conceito de *escrevivência* formulado por Conceição Evaristo, por entender que o rap, assim como a literatura negra, transforma memória, experiência e vida cotidiana em narrativa social. As letras não apenas descrevem realidades periféricas, mas organizam essas vivências em um discurso coletivo capaz de produzir identificação e consciência crítica. Essa aproximação teórica contribui para compreender o rap como uma forma de enunciação política construída a partir da experiência negra no espaço urbano.

Durante muito tempo, o racismo no Brasil foi obscurecido pela construção ideológica da chamada democracia racial. Parte significativa da produção intelectual do século XX, especialmente em autores como Gilberto Freyre, interpretou a formação social brasileira a partir da ideia de uma convivência relativamente harmoniosa entre diferentes grupos raciais, sobretudo quando comparada às formas explícitas de segregação presentes nos Estados Unidos e no regime do apartheid sul-africano. Essa interpretação contribuiu para consolidar a noção de que o Brasil teria desenvolvido um modelo singular de relações raciais, no qual o conflito seria substituído pela miscigenação. Florestan Fernandes (1989) criticou essa ideia de relação racialmente harmônica de Freyre, e abordou a escravidão não de forma incompleta e restrita, mas como um sistema escravista de um processo capitalista cujo formato se encontrava articulado com o desenvolvimento nacional. Destarte, Fernandes pôde perceber as

falências e impossibilidades da mobilidade social dos negros após a abolição da escravatura.

A escolha do grupo Racionais MC's como objeto central desta pesquisa se justifica pela dimensão histórica e simbólica que o grupo ocupa no rap nacional. Ao longo de sua trajetória, o grupo transformou suas letras em importantes denúncias sobre o racismo, a violência do Estado e as desigualdades entre as classes sociais, dando visibilidade a experiências vividas nas periferias urbanas que durante muito tempo permaneceram ausentes dos espaços legitimados de produção do conhecimento. Suas composições não apenas narram a realidade social, mas também produzem interpretações sobre ela, tornando-se referência para diferentes gerações de jovens negros que encontram nessas músicas formas de reconhecimento e fortalecimento identitário.

A importância cultural e social da obra do grupo também pode ser percebida no reconhecimento institucional que sua produção passou a receber nos últimos anos. O álbum Sobrevivendo no Inferno, por exemplo, foi incluído como leitura obrigatória no vestibular da Universidade Estadual de Campinas, representando um momento simbólico de aproximação entre a produção cultural periférica e o espaço acadêmico. (HARMUCH, 2019)

Esse reconhecimento evidencia que o rap, antes frequentemente associado apenas à marginalidade, vem sendo progressivamente reconhecido como uma importante forma de pensamento social contemporâneo. Assim, a presente pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como essa produção cultural pode contribuir para a formação crítica de jovens negros e para a ampliação das discussões sobre educação, raça e produção de conhecimento no Brasil.

A força do rap não reside apenas na musicalidade, mas na capacidade de transformar em narrativa aquilo que durante séculos foi silenciado. Ao converter a experiência da juventude negra periférica em discurso político, o rap atualiza uma tradição histórica de resistência que atravessa o quilombo, a religiosidade afro-brasileira, o samba e outras formas de produção cultural negra. Assim, o rap não surge como ruptura absoluta, mas como continuidade de uma memória coletiva que encontra na palavra uma forma de denúncia, de afirmação identitária e de formação crítica.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Florestan. **Significado do protesto negro.** São Paulo: Cortez, 1989.

HARMUCH, Rosana Apolonia. **Periferia e vestibular:** Carolina Maria de Jesus e Racionais MC's**.** Muitas Vozes, v. 8, n. 2, p. 146-157, 2019.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro.** São Paulo: Ática, 1989.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Brasil na mira do pan-africanismo.** Salvador: EDUFBA; CEAO, 2002.

RACIONAIS MC´S. **Sobrevivendo no inferno.** Oliveira, Acauam Silvério de. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; SIPPEL, Juliano. **A escrevivência de conceição evaristo como reconstrução do tecido da memória brasileira.** Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 36–51, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Paulo Henrique Ferreira Borges dos. "**Nossos discos foram livros":** Potencialidades pedagógicas dos rap para a educação das relações étnico-raciais. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2024.